

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

LIÇÃO INAUGURAL
DA
CADEIRA DE ESTUDOS
CAMONIANOS

IMPORTÂNCIA
E DIFICULDADES DESTES ESTUDOS



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1925

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

UNIVERSIDAD DE LOS ANDES

LIBRO DE TEXTO

CARRERA DE ESTUDIOS
COMUNICACION

INTEGRANTES
E. BARRERA, D. GARCÍA



BOGOTÁ

1970

100

LIÇÃO INAUGURAL
DA
CADEIRA DE ESTUDOS CAMONIANOS
IMPORTÂNCIA
E DIFICULDADES DESTES ESTUDOS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

LIÇÃO INAUGURAL
DA
CADEIRA DE ESTUDOS
CAMONIANOS

IMPORTÂNCIA
E DIFICULDADES DESTES ESTUDOS



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1925

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

CADERNOS DE ESTUDOS
CAMBÓIANGOS

EDITADO POR
INSTITUTO DE ECONOMIA



EDITADO POR
INSTITUTO DE ECONOMIA

Ex.^{mo} SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA,
Ex.^{mo} SR. MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS,
Ex.^{mo} SR. EMBAIXADOR DO BRASIL,
MINHAS SENHORAS,
MEUS SENHORES.



FOI uma pequena herança vinda do Brasil que animou meu sempre saudoso pai a dar-me uma carreira literária. E à penhorante iniciativa de um ilustre médico e homem de letras brasileiro, o Sr. Dr. Afrânio Peixoto, e generoso patriotismo de um benemérito português, que nas terras de Santa Cruz exerce a sua inteligente e infatigável actividade, o Sr. Zeferino Rebêlo de Oliveira, é que se deve a existência da cadeira que hoje inauguramos. Cumpro, por isso, um imperioso dever e satisfação ao mesmo tempo ao que me pede o coração, começando por saudar, na pessoa do seu muito digno embaixador, que nos quis honrar com a sua presença, a nobre nação brasileira, a que tantos laços nos prendem, e na do distinto escritor, Sr. doutor Sousa Costa, representante do Sr. Zeferino Rebêlo de Oliveira, a labo-

riosa colónia portuguesa do Brasil, que tão intenso amor dedica à mãe pátria e tantos e tão relevantes serviços lhe tem prestado.

A Suas Ex.^{as} os Srs. Ministro da Instrução Pública, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Embaixador do Brasil, ao Sr. Reitor da Universidade, aos senhores professores que se acham presentes, a todos os hóspedes, em nome da Faculdade de Letras e pela parte que me toca, agradeço a sua companhia a êste acto.

Devo também dizer que, por minha vontade, positiva e terminantemente manifestada, seria êste lugar ocupado pela ilustre professora, a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a cujo vasto e profundo saber e sempre pronta obsequiosidade em o comunicar a quem a consulta, quero nesta solenidade render o preito da minha ilimitada admiração, certo de que todos me hão-de acompanhar.

É ainda obrigação minha evocar neste dia os nomes de dois notáveis mestres dêste instituto, que muito se dedicaram aos estudos camonianos. Refiro-me, já o sabeis, ao Dr. Teófilo Braga e ao professor Epifânio Dias. Posso não concordar — e não concordo — com êles em muitas das suas opiniões, mas foram dois trabalhadores incansáveis, que nos legaram o alto exemplo de uma vida entregue ao estudo

e fizeram progredir os nossos conhecimentos no que respeita à vida e à interpretação das obras de Camões.

Pôsto isto, entrarei no assunto da lição inaugural da nova cadeira:

IMPORTANCIA E DIFICULDADES DOS ESTUDOS CAMONIANOS

Dos poemas épicos que pertencem, por assim dizer, ao património literário do mundo culto, nenhum há que esteja tão estreitamente ligado com a respectiva nacionalidade, como são os *Lusiadas*.

Podem outros ter exercido uma acção mais intensa nas várias manifestações da vida do povo que os viu nascer; alguns existem que, aproximando-se ou atingindo mais vezes o ideal estético, encerram maior número de belezas; também os há que têm sido estudados com mais zêlo, mais proficiência, mais carinho; que contam entre os estranhos mais numerosos e mais entusiásticos admiradores; que têm mais largamente influído nas outras literaturas. Nenhum deles é, porém, uma epopeia nacional no mesmo grau dos *Lusiadas*; nenhum deles, sob êste aspecto, se pode comparar com o poema que tem

por assunto a história de um pequeno povo, o qual, numa luta porfiada contra os mouros e contra vizinhos mais poderosos que êle, se constituiu em nação independente, e depois, não ao acaso, mas em obediência a um plano devidamente preparado e pôsto em execução com rara tenacidade,

Novos mundos ao mundo foi mostrando (Lus., II, 45);

E, se mais mundo houvera, lá chegara (Lus., VII, 14).

; Matéria épica, como nenhuma das que antes de Camões haviam sido cantadas! ; Matéria épica, por tantos títulos superior a quantas até então haviam inspirado os mais famosos poetas de tôdas as literaturas!

Não eram, como na *Iliada*, episódios do cerco de Tróia, quando ia próximo do seu fim; não eram os errores de Ulisses, ao voltar para Ítaca, onde lhe foi necessário travar uma luta de extermínio com os pretendentes à mão de sua mulher; não era a expedição dos Argonautas à Cólquida, para se apoderarem do velo de ouro; não era a vinda de Eneas para a Itália, com a consecutiva guerra, a fim de obter a mão de Lavínia; não era a fantástica viagem do Dante, através do inferno, do purgatório e do paraíso; não eram as proezas e aventuras imagi-

nárias, celebradas por Ariosto. Tudo isto conhecia Camões; mas o assunto que êle escolheu para núcleo da sua epopeia tudo isto superava, pela realidade histórica da acção, pela sua importância na marcha evolutiva da humanidade, pelo esforço, pela coragem heróica, manifestada na luta contra a natureza e contra os homens, luta que durou longos anos, e em que tomaram parte milhares e milhares de portugueses. Foi a história da sua gente, história que deu brado no mundo e se entrelaçou com a história dêste, que o poeta dos *Lusiadas* se propôs eternizar.

¡ Com que legítimo orgulho não estabelece êle o confronto entre os feitos que vai cantar e os que haviam sido celebrados pelos poetas e pelos historiadores dos tempos passados!

*Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta. (L., 1, 3).*

Com que ardente entusiasmo não exalta as proezas dos portugueses, ao dirigir-se a D. Sebastião!

*Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte e o vão Rogeiro
É Orlando, inda que fora verdadeiro (I, 11).*

É certo que estas façanhas já tinham sido e continuariam a ser arquivadas por escritores nossos. E com as obras destes nos podemos apresentar perante o tribunal da história, para fazermos valer os nossos direitos à benemerência do progresso da humanidade.

É certo que não seria necessária a leitura dos *Lusíadas*, para que um historiador estrangeiro dos nossos dias pudesse, com toda a verdade, escrever: «No espaço de um século, pouco mais ou menos, Portugal soube adquirir um império marítimo, cuja extensão e riqueza ultrapassavam tudo o que até então se tinha podido imaginar; costeou a África; realizou conquistas na Índia...; chegou às Molucas, à China, ao Japão, à Austrália; preparou emfim a entrada na posse total do globo, pois os descobrimentos dos portugueses trouxeram consigo os dos espanhóis. A obra era mais importante do que então se podia supor. Rasgou-se repentinamente o véu que

ocultava metade do mundo. ; Que conseqüências não deviam daqui resultar para o pensamento humano! A sciência tradicional, a sciência dos livros, perdia a sua autoridade, com grande vantagem para a sciência dos factos. Um simples marinheiro sabia muito mais sôbre as regiões longínquas do que Aristóteles ou Ptolomeu. Nunca se exagerará a parte que os descobrimentos espanhóis e portugueses tiveram no grande movimento de emancipação da renascença » (1).

É certo, repito, que, para se escrever isto, não era necessária a existência dos *Lusiadas*. Não nos faltam documentos comprovativos dos serviços que prestámos à civilização; mas êsses documentos, de proveniência muito variada, nem sempre são fáceis de obter e de compulsar; de valor literário, por vezes, nulo ou insignificante, são pouco próprios para darem em tôda a parte testemunho das nossas glórias.

Que fez pois Camões? Movido

De amor dos pátrios feitos valerosos (1, 9);

sentindo em si «um novo engenho ardente» (1, 4), capaz de levantar «canto igual a esses feitos» (1, 5),

(1) Cf. Lavissee et Rambaud, *Histoire Générale*, t. iv, p. 872-3.

entregou-se a um labor análogo ao das abelhas, buscando afanosamente por tôda a parte o que lhe podia servir para levar a bom termo o patriótico plano de ressuscitar, como êle próprio diz,

*As honras sepultadas,
As palmas já passadas,
Dos belicosos nossos Lusitanos,
Para tesouro dos futuros anos (Ode vii).*

Vivendo, desde a mocidade, uma vida agitadíssima, em que não faltaram prisões nem exílios; podendo dizer de si, com inteira verdade:

Vi magoas, vi miserias, vi desterros (Son. 68);

tendo, numa palavra, deixado a vida

Por o mundo em pedaços repartida (Canç. ix),

como êle próprio declara, em hora de profundo desalento, o infatigável Poeta ainda conseguiu dispor do lazer necessário para extrair das obras dos nossos cronistas e dos nossos historiadores o que nelas havia que servisse para glorificar o nome português; ainda teve tempo para, coordenando êsses materiais segundo as regras deduzidas da leitura das grandes epopeias, entremeando-os com amplos conhecimentos, pertencentes aos mais variados domínios, animando tudo com a flama sagrada do génio, ainda teve tempo,

repito, para legar à pátria, que tanto amava, um poema, que, além de ser a obra prima da nossa literatura e de emparelhar com as mais famosas epopeias de todos os povos, ficou também constituindo o diploma justificativo da nossa nobreza como nação, o inestimável pergaminho, maravilhosamente iluminado, que podemos com orgulho apresentar em tôda a parte, para mostrarmos o que fomos e o que fizemos; o precioso livro que, pelo seu valor literário e pelo assunto fundamental de que trata e se liga intimamente com a história geral da humanidade, se acha vulgarizado em todas as línguas cultas e se tornou assim acessível á universalidade do mundo civilizado.

Serviço inegalável, prestado à sua pátria por aquele que o insigne camonista alemão W. Storck chama, com tôda a justiça, «o génio mais genuinamente nacional entre todos os portugueses» (*Vida e obras de Camões*, pág. 29 da trad. port.). ¡Dívida que contraímos e que nada pode pagar condignamente!

Há, porém, uma obrigação de que nada nos exime.

É a de estudarmos êsse livro com todo o zêlo e com todo o carinho e de não deixarmos essa tarefa aos estrangeiros, vendo-nos assim constituídos na necessidade de lhes agradecermos o que a nós nos cumpria fazer. Devemos sentir-nos e sentimo-nos

lisongeados com o facto de êles se occuparem da obra prima da nossa literatura, estudando-a, traduzindo-a, comentando-a, fazendo-lhe referências elogiosas; mas o nosso brio deve estimular-nos a procurarmos a solução de tôdas as dificuldades que ella possa oferecer e a evitarmos a situação deprimente de estar à espera que outros nos venham ensinar o que era dever nosso ter apurado.

Mas não é só pelo seu valor literário que se nos impõe o estudo dos *Lusiadas*. Êles são também para nós o livro sagrado da Pátria, o livro em cuja meditação se deve formar e avigorar a alma nacional. Inspirados no amor da terra que nos viu nascer também a nós, destinados a engrandecê-la cantando-lhe os feitos gloriosos, nada mais próprio do que êles para acender e afervorar em nós êsse amor, para dêle fazer o principio determinante da nossa vida como cidadãos.

¡Ai de nós, se imitarmos os fidalgos arruinados, que, em vez de buscarem nos seus pergaminhos incitamentos para bem proceder, honrando a memória de seus maiores, se esquecem, nem mesmo querem saber do que nêles se contém, preocupados apenas com a ânsia de empenharem ou venderem o que ainda lhes resta das jóias ou recordações de família, deixando ao abandono ou alienando ao desbarato

propriedades cujo valor nem sequer conhecem, pensando só em arranjar dinheiro para as dissipações quotidianas, para as orgias que matam e des-honram! Ai de nós, se quisermos proceder como aqueles tristes descendentes de casas nobres, que o Poeta estigmatiza nestas justiceiras palavras:

... viciosos sucessores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados! (VIII, 39).

Estudemos os *Lusiadas*, para nêles haurirmos o mesmo estímulo que impulsionou o Poeta a escrevê-los; debruçados sôbre as suas estâncias, compenetremo-nos bem do nosso glorioso passado e sentiremos pulsar em nós uma alma nova, um desejo ardente de vermos respeitado e engrandecido o nome português, de vermos novamente esboçar-se um Portugal maior.

Nem se diga que para isto carecemos de duas condições imprescindíveis: vergonha e juízo. Vergonha e juízo derivam espontânea e necessariamente do amor da pátria, do firme propósito de trabalhar cada um na sua esfera e na proporção das suas fôrças para que o país seja bem governado, para que viva próspera e honradamente. Crepitem no coração de todos nós a chama sagrada que ilumina as estâncias

dos *Lusiadas* e a incompetência, a inépcia e até a própria desvergonha fugirão corridas e irão esconder-se onde ninguém mais as veja.

Nem deixemos esvoaçar diante de nós, como ave agoirenta, o negro e sacrílego pensamento de que a nossa missão está cumprida e que nada mais nos resta do que baixarmos ao sepulcro da história, envolvidos na mortalha dos *Lusiadas*. Não! A vida das nações não é como a dos seres do mundo orgânico, que segue uma evolução determinada e tem sempre a morte como limite. As nações, grandes ou pequenas, salvo certos acidentes de origem externa, só morrem vítimas dos próprios erros, só sucumbem aos crimes de que têm a responsabilidade.

E mesmo as que perecem podem renascer, se nos sobreviventes da catástrofe se não extinguir ou reviver o amor da pátria desaparecida. Tal é a força do princípio vital das nacionalidades, princípio sem o qual elas desaparecem, princípio que as pode chamar de novo à existência. Se perduram com vida próspera e honrada nações pequenas, a que não coube missão nenhuma especial na história da humanidade, ¿porque nos não há-de acontecer o mesmo a nós? Não atribuamos à fatalidade de uma lei histórica, que não existe, o que não seria senão

culpa nossa. Deus, diz o *Livro da Sabedoria*, fez curáveis as nações da orbe (1, 14). Mas para elas se curarem, é condição indispensável o patriotismo — o patriotismo de todos — governantes e governados. E êste ¿onde melhor o podemos acendrar do que nos *Lusiadas*?

Nem digamos que estes, ao mesmo tempo que são a Bíblia política portuguesa, são também a Bíblia cultural de tōda a Espanha. Não! Camões é, da primeira até à última estância do seu poema, o cantor da pátria portuguesa, o cantor dos *Lusiadas*, e não o dos Iberos, dos Hispanos. Os *Lusiadas* são única e exclusivamente a Bíblia política portuguesa. Lembremo-nos de que, concedida a segunda parte da afirmativa, não faltaria quem se esquecesse logo da primeira. Fugamos igualmente das perigosas fantasmagorias que, apresentando-nos Camões como cantor da unidade cultural da Hispânia, unidade que êle reputaria essencialmente dependente da dualidade política — Portugal e Castela —, chegam à conclusão de que, ao celebrar a vitória de Aljubarrota, o faz não só como português, mas mais do que isso, como cristão e espanhol, pois a vitória dos castelhanos viria destruir aquela unidade.

Tudo tem limites! Não prestemos o flanco a que se nos venha dizer que a condição de que o Poeta

faz depender a unidade cultural da Hispânia não passa de um bem frágil ilogismo, pois tal unidade só poderia tornar-se efectiva, só poderia produzir todos os seus resultados com o desaparecimento da dualidade política da Península. Deixemos as divagações sobre a unidade cultural da Hispânia a quem com elas se quiser entreter, mas não tragamos o nome de Camões aonde êle não é chamado. Em vez disso, continuemos a considerar os *Lusiadas* (servir-me hei das palavras de W. Storck, obr. cit., p. 29) «como a mais sagrada e inalienável herança dos *nossos* antepassados», como «o baluarte mais poderoso e mais nobre da nacionalidade lusitana». Não admitamos como co-herdeiros senão aqueles em cujas veias gira também o sangue português; não franqueemos as portas do mais poderoso baluarte da nossa nacionalidade a quem não tem direito a entrar nêle.

Mas nos *Lusiadas* não se aprende só a amar a pátria e, como consequência disso, a empregar todos os esforços para a tornar credora da consideração dos outros países. Por êles ficamos sabendo também como se afunda, como perece uma nação. E para isso basta ler alguns dos passos que o Poeta lhes adicionou ao voltar do Oriente em 1570, dez anos antes da catástrofe de 1580.

Comecemos por estas duas estâncias do fim do

c. VII:

*Nem creais, ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu rei
Antepuser seu próprio interesse,
Imigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.*

*Nenhum que use de seu poder bastante
Pera servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, também cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o rei, no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo.*

A despir e roubar o pobre povo! Assim termina o Poeta estas duas estâncias, escritas com a altiva isenção, com a enérgica independência, com a rudeza das palavras que o amor da pátria justifica.

E noutro lugar:

*Ó quanto deve o Rei que bem governa
De olhar que os conselheiros ou privados
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados! (VIII, 54).*

E no canto IX, 27, mencionando os erros grandes

que Cupido via no mundo, isto é, em Portugal, e que era preciso emendar:

*E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem púbrico imagina;
Vê néles que não têm amor a mais
Que a si sòmente, e a quem fláucia ensina;
Vê que êsses que freqüentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente.*

E quási no fim do poema (x, 152), precavendo o Rei contra os incompetentes:

*Tomai conselho só de experimentados,
Que viram largos anos, largos meses.*

E o látego do Poeta cai também sôbre a injustiça das leis, gravíssimo sintoma da decomposição de um país:

*Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem (ix, 28).*

É por isso que mais adiante (est. 94) se encontra esta exortação:

*... Dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêm o dos pequenos.*

E com que calor não tinha exclamado pouco antes (est. 93):

*E ponde na cubiça um freio duro
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente!*

Em resumo: cubiça, ambição e incompetência dos dirigentes; o roubo e a injustiça, sancionados pela lei; o mando procurado com o intuito de dar largas aos próprios vícios; o interesse particular anteposto ao bem público; a tirania arvorada em direito — tais eram, segundo os *Lusiadas*, os males de que enfermava a sociedade portuguesa, na ocasião em que foram publicados. E tolerando tudo isto, sujeitando-se a isto tudo, o funesto «ócio ignavo», de que noutro passo fala o Poeta:

*Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertaí já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo (ix, 92).*

Meditemos e meditemos profundamente sobre os vícios e crimes que tiveram a sua terrível sanção na perda da nossa independência; meditemos também sobre o triste ócio ignavo, sem o qual eles não seriam possíveis.

Mas, para atenuar a amarga tristeza com que esta meditação nos ensombra a alma, lembremo-nos que ainda não estavam extintas as qualidades que tinham feito grande a nossa pátria, e que o Poeta pôde dizer a D. Sebastião:

*Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excelentes.*

*Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pilouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao profundo (x, 146-7).*

E isto que era verdade no tempo de Camões, é-o felizmente ainda hoje e na mente de todos está de certo a fácil adaptação que os entusiásticos versos dêste passo podem ter, por exemplo, aos nossos gloriosos aviadores, que ledos foram, pela via do ar, ao Brasil e a Macau,

*Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A perigos incógnitos do Mundo,
A naufrágios, a peixes, ao profundo.*

¡ Como faz bem repetir estes versos e lembrarmo-

-nos que êles ainda hoje se podem aplicar com inteira verdade!

¡ Singular contraste o que nos oferece a história pátria! A par do esforço hercúleo que representam a fundação da monarquia, a luta pela independência depois da morte de D. Fernando, os descobrimentos marítimos, a fundação do império oriental, a guerra da restauração, a expulsão dos franceses — a par de tudo isto, ¡ quantas páginas tristes, que não recordarei! É que em nós, os portugueses, ao lado das nobres qualidades, que nos deram um nome imorredouro na história, tendem a aparecer com rara tenacidade, os defeitos, os vícios e os crimes que já uma vez nos fizeram perder a independência e outras nos tem criado graves embaraços. E essas boas e más qualidades, como é de supor, revelaram-se bem nos quatro séculos da nossa história que formam o conteúdo dos *Lusiadas*. Com estes na cabeça e no coração, reprovemos e procuremos extirpar as que nos podem levar à morte e exaltemos e esforcemo-nos em radicar as que já nos fizeram grandes e se consubstanciam numa: o amor da pátria.

Arvoremos bem alto os *Lusiadas* como lábaro sagrado, em volta do qual se congreguem todos os portugueses de boa vontade; façamos dêles a fonte perene, onde vamos buscar a energia que torna

felizes as nações, por pequenas que sejam; busquemos nêles o estímulo contra o desalento, quando virmos prevalecer erros e vícios que nos amesquinhem, nos vexem e possam perder; tornemo-los o ponto de apoio para, com tôda a energia da nossa alma, combatermos o bom combate pelo bom nome e pelo engrandecimento da nossa querida pátria.

Deriva do que fica dito o sagrado dever de fazermos da epopeia camoniana a base da nossa educação nacional; de iniciarmos, por tanto, o seu estudo na escola primária; de o desenvolvermos amplamente nos institutos secundários, de o aprofundarmos nas Faculdades de Letras, em cursos destinados não só aos alunos destas Faculdades, mas a todos, estudantes e não estudantes, que queiram completar os conhecimentos já adquiridos; de tornarmos, emfim, popular uma obra tão intimamente ligada com a nossa nacionalidade.

É certo que os *Lusiadas* abundam em dificuldades, provenientes de causas muito variadas. O seu conteúdo histórico-geográfico; a multiplicidade das fontes de que o Poeta se utilizou e que precisamos de conhecer, para bem o interpretarmos; as freqüentes referências à história geral, sobretudo à dos povos clássicos; o largo emprêgo da mitologia, enlaçada com a acção do poema; as noções cosmográficas,

indispensáveis para entender tantos lugares; o propósito de deixar arquivadas muitas particularidades de métrica, de fonética, de construção, para o reconhecimento das quais se exige ampla e atenta leitura de numerosos livros; a adopção intencional de opiniões divergentes sobre o mesmo assunto; a contaminação não só de construções gramaticais, mas também de narrativas discordantes; o tempo decorrido desde o aparecimento do poema, que tornou antiquadas certas palavras e modos de dizer; a desastrada intervenção de todos os que têm pretendido melhorar o texto do poema, intervenção que principiou no manuscrito, que ia ser entregue ao compositor — tudo isto criou aos *Lusiadas* a fama de serem um poema difícil; tudo isto tem desanimado muito leitor, e por mim próprio falo, que mais de uma vez senti bem fundo esse desânimo.

Hoje estou firmemente convencido que essa fama há-de desaparecer.

Resolvido, como está, o problema da primeira edição e fixado, assim, o texto primitivo; conhecidas as fontes de que o Poeta se serviu, e poucas, me parece, estão por descobrir; sabidos os seus processos de composição literária; criada, emfim, esta cadeira, e constituído, como de-certo o vai ser, um núcleo de estudiosos dos *Lusiadas*, estou convencido

que dentro de poucos anos a nossa epopeia nacional será lida e conscientemente apreciada por muito maior número de pessoas do que hoje, as quais nela aprenderão a amar a pátria e a tornar efectivo esse amor, empregando todos os esforços para a enaltecer e para arredar para longe todos os que, criminosa ou ineptamente, a queiram arrastar para o abismo.

É por isso que no primeiro número do programa que incumbe a esta cadeira se acham inscritas a publicação de uma edição crítica e largamente comentada dos *Lusíadas* e a de uma edição popular, acompanhada de notas sóbrias e claras, indispensáveis para a compreensão do texto.

Mas Camões não foi grande apenas como poeta épico. É também, indiscutível e indiscutidamente, o primeiro dos nossos líricos, e sob este aspecto nos cumpre igualmente estudá-lo com todo o empenho e vulgarizar-lhe as admiráveis composições.

Infelizmente também aqui abundam as dificuldades. Durante muito tempo, a começar já na 1.^a edição das *Rimas*, se foram atribuindo a Camões, ora de boa, ora de má fé, poesias que sem dúvida lhe não pertenciam, ou que não havia motivos suficientes para lhe serem adjudicadas. Ainda bem que a reacção para se apurar o que com certeza é seu, ou pelo

menos o pode ser, foi iniciada pelo ilustre camonista alemão W. Storck e tem sido tenazmente prosseguida pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis, com o profundo saber e elevado critério que lhe são peculiares.

Provém outra dificuldade do facto de não haver para as *Rimas* um texto emanado do Poeta, como existe para os *Lustadas*. Daqui a multiplicidade de variantes, a hesitação tão freqüente na escolha delas e até, não raro, a impossibilidade de sabermos o que o Poeta realmente haveria escrito. Já o primeiro editor dizia que lhe não passaram por alto os erros que houvesse nas *Rimas*, mas assim os achou nos manuscritos onde elas andavam dispersas. E acrescenta: « por isso se não boliu em mais do que só naquilo que claramente constou ser vício de pena, e o mais vai assi como se achou escrito, e muito diferente do que houvera de ir, se Luís de Camões em sua vida o dera à impressão ».

Por aqui se vê como será custoso preparar uma edição crítica das *Rimas*. Mas é indispensável que ela se faça. Devemos considerar nisso empenhado o nosso brio nacional.

E a isto acresce ainda o problema da interpretação das poesias amorosas, que constituem, como se sabe, a parte mais bela e mais extensa do que, afora os *Lustadas*, nos legou Camões.

¿Pertenceu êle, como autor desta espécie de poesias, à chamada escola petrarquista, isto é, idealizou uma ou mais criaturas femininas, fazendo-lhes versos como se morresse de paixão por elas, cantando-as como se fôsem senhoras do seu coração, mas só com a mira em dar forma literária a impressões que não sentia, ou foi um amoroso por temperamento, um amoroso, digamos assim, à antiga portuguesa? ¿E, em qualquer dos casos, será possível averiguar quem foi que lhe inspirou tão formosos versos?

Que o Poeta, quando moço, fingiu amores que não tinha, confessa-o êle mesmo em vários lugares, de que basta citar êste:

*De vontades alheias, que eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha.
O engano de maneira lhes fingia
Que, depois que a meu mando as subjugava,
Com amor as matava que eu não tinha (Canção 2.^a).*

E na bôca da prima, de Belisa, a desprevenida vítima desta falta de sinceridade e doutras levianidades, põe êle a melancólica confissão que se lê na égloga 3.^a:

*Se me enganei com quem do peito amava,
Não me prezava de ser enganada;*

*Fui salteada, emfim, de um pensamento,
Que um movimento tinha casto e são;
Conversação foi fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com falsa côr.*

.....
*Vivi contente, amando e encobrindo.
Ele, fingindo mentirosos danos,
Que são enganos, que não custam nada,*
.....
*Com suas cabras sempre à parte vinha
Onde eu mantinha os olhos do desejo.*

Mas depois Amor vingou-se, e vingou-se com usura,
do leviano Poeta, fazendo-o arder em várias flamas,
numa das quais se queimou bem queimado. Ouça-
mo-lo, já nos últimos anos da sua tormentosa vida:

*No tempo que de amor viver soia,
Nem sempre andava ao remo aferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em varias flamas variamente ardia.*

*Que ardesse num só fogo não queria
O céu, porque tivesse experimentado
Que nem mudar as causas ao cuidado
Mudança na ventura me faria.*

*E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem do pêso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.*

*Louvido seja amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Êste meu tão cansado sofrimento (Son. 70).*

Mas o Poeta não ardeu só em várias flamas, ardeu também variamente, desde o alto lugar a que se refere, por exemplo, o soneto que começa:

*Num tão alto lugar, de tanto preço,
Éste meu pensamento posto vejo,
Que desfalece néle inda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço (Son. 175);*

desde o alto lugar, que, num lampejo de reflexão, o levava a perguntar a si próprio:

Eu que espero de um ser que é mais que humano? (Son. 125);

até às baixas prisões em que se viu enredado:

*Em prisões baixas fui um tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros;
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte a meu pesar tem já quebrado (Son. 68);*

até às baixas prisões, de que o libertou uma trágica morte, roubando-lhe à sua vista, e sem que lhe pudesse valer, a *alegre e doce companheira*, a *alma gentil*, que êle então supunha havia de ser a *perpétua saudade da sua alma*, e que tão belos versos lhe inspirou, a começar pelo famoso soneto *Alma minha gentil*.

As poesias amorosas de Camões só poderão ser

devidamente apreciadas, só revelarão todo o seu valor artistico, quando soubermos, até onde isso seja possível, em que circunstâncias foram escritas e a quem se endereçavam; quando estiverem dispostas, não ao acaso e em obediência apenas ao critério da forma externa ou da cronologia da sua publicação pela imprensa, mas segundo os sucessivos estados de alma que elas traduzem.

Actualmente essas poesias são jóias desgastadas de um precioso aderêço, que não podem fulgir com todo o seu brilho, por não estarem colocadas no lugar que lhes compete. O ideal seria reconstruir com elas a vida amorosa do Poeta. E creio que isto não constitue uma emprêsa impossível.

Para concluir. Os grandes propulsores psíquicos de Camões foram o amor da pátria e o amor, sem outro qualificativo. Do primeiro nasceram os *Lusiadas*; do segundo adveio-lhe uma vida agitadíssima, em que sofreu máguas, misérias, desterros, mas lhe deu azo a nos revelar a sua alma em admiráveis poesias, que constituíriam o orgulho das mais ricas literaturas.

Com amor nos dediquemos também ao estudo das obras que herdámos do mais illustre dos filhos de Portugal.



